

Preposições: relações semânticas e sintáticas nos gêneros textuais tirinha e piada

Mariana Queiroga Gomes¹

Thúllio Salgado Santos Viana²

RESUMO

Este artigo pretende analisar as concepções semânticas e sintáticas que as preposições “de, em, a e para” estabelecem nos enunciados. Para tal, como embasamento teórico, no que toca ao tratamento dado à preposição em diferentes gramáticas, recorre-se a Ferreira (2014), Bechara (2009) e Cegalla (2016). Ademais, no que concerne à categoria a qual pertence a preposição, bem como suas atribuições, ancoramo-nos nos estudos de Berg (1998) e Neves (2000). Além disso, pretendemos identificar como e até que ponto as pessoas percebem as relações de sentido causadas pelo uso da preposição nos gêneros textuais tirinhas e piadas; para tanto, aplicamos um questionário a indivíduos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Com base nos materiais analisados, os principais resultados sugerem que as pessoas, de um modo geral, compreendem o efeito de humor causado, no entanto, não conseguem associá-lo ao uso da preposição escolhida. O estudo assinalou ainda que as preposições, quando associadas a outras classes gramaticais, são essenciais para indicar diferentes relações de sentido.

Palavras-chave: Gramática. Preposição. Relações semânticas. Tirinha. Piada.

Prepositions: semantic and syntactic relations in comics and joke genres

ABSTRACT

This article intends to analyze the semantic and syntactic conceptions that the prepositions “de, em, a and para” establish in the enunciation. For that, we use as a source of a theoretical basis, regarding the treatment given to the preposition in different grammars, "the authors" Ferreira (2014), Bechara (2009) and Cegalla (2015). Furthermore, regarding the category to which the preposition belongs, as well as its attributions, the study anchors in the studies of Berg (1998) and Neves (2000). In addition, it is intended to identify how and to what extent people perceive the relations of meaning caused by the use of prepositions in textual genres, comics and jokes. To that purpose, a questionnaire was applied on groups of people with different age and educational levels. Based on the analyzed materials, the main results suggest that people, in general, understand the effect of humor causes, however, they are unable to associate it with the use of the chosen preposition. The study also pointed that prepositions, when associated with other grammatical classes, are essential to indicate different relations of meaning.

Keywords: Grammar. Joke. Prepositions. Semantic relations. Comic strip.

¹ Graduanda do Curso de Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro do grupo de pesquisa ELinc. Integrante do Projeto de Extensão ALEGRIA Proex PUC Minas. E-mail: mqgomes@sga.pucminas.br.

² Graduando do Curso de Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Estagiário da Editora PUC Minas. E-mail: thullio.salgado@sga.pucminas.br.

1 INTRODUÇÃO

A existência de estudos sobre as preposições é condição indispensável para que se possa compreender suas relações, funções sintáticas e semânticas, em especial nas situações em que se cogita, por exemplo, compreender os efeitos de sentidos dos enunciados. Existem muitos textos na língua portuguesa que apresentam ambiguidades, tais como manchetes, piadas, charges, entre outros; frequentemente essas ambiguidades acontecem pela natureza semântica da preposição usada. No entanto, essas relações são pouco estudadas e, muitas vezes, não são percebidas pelos leitores. Dessa forma, faz-se necessário analisar as relações semânticas e sintáticas que são estabelecidas pelo uso de determinadas preposições e até que ponto as pessoas percebem os diferentes efeitos de sentidos.

Isso posto, o objetivo deste artigo é analisar as relações semânticas e sintáticas que as preposições “de, em, a e para” estabelecem no gênero textual tirinha. Para tal, buscamos perceber as diferenças e semelhanças no tratamento dado à preposição em três diferentes gramáticas, “Aprender e praticar gramática” (FERREIRA, 2014), “Moderna gramática portuguesa” (BECHARA, 2009) e “Novíssima gramática da Língua Portuguesa” (CEGALLA, 2016). Também nos valem, como aporte teórico, dos estudos de Neves (2000) e Berg (1998).

Com o propósito de analisar como as pessoas compreendem as diferenças semântica, sintática e de estilo no uso das preposições, foi aplicado um questionário a pessoas de diversas idades e níveis de escolaridade. Para esse fim, separamos quatro tirinhas e um texto do gênero textual piada, em que se destacavam as preposições ora selecionadas.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, estudaremos sobre o conceito e a categoria ‘preposição’, no segundo momento, apresentaremos o tratamento dado à preposição em diferentes gramáticas. Na terceira parte, mostramos a metodologia, bem como a análise e resultados do questionário aplicado e, por fim, nossas conclusões.

2 CATEGORIA E RELAÇÕES SEMÂNTICAS DAS PREPOSIÇÕES

Quanto aos estudos referentes à preposição, muito são os questionamentos acerca da categoria à qual ela pertence. Em abordagens linguísticas atuais, algumas a tratam como categoria funcional, isto é, que contém conteúdo puramente gramatical, tais como as conjunções, artigos, numerais etc.; outras abordagens, porém, admitem que as preposições possam pertencer à categoria lexical, ou seja, carregar um valor semântico. No entanto, essas definições não estão concluídas, não existe ainda um consenso em relação à natureza categorial das preposições.

Na perspectiva de entendermos os aspectos que envolvem a classificação das preposições, nos fundamentamos nos estudos de Berg (1998), para a autora, há divergências quanto à definição da categoria à qual pertence a preposição, se ela é funcional ou lexical. No entanto, Berg assume como hipótese nula de trabalho que as preposições sejam categorias lexicais e faz uma checagem das propriedades para saber se essa hipótese se confirma. Para isso, trabalha quatro tópicos: a classe fechada, o valor semântico, atribuição de papel temático e checagem de caso. Neste artigo, estudaremos especificamente a classe fechada e o valor semântico.

Uma das hipóteses que sustentam que as preposições pertencem ao grupo de classe fechada, é que, de acordo com Berg (1998), elas são um número limitado, sendo em torno de dezenove preposições no português brasileiro; assim, constituem-se uma classe estável. Quanto ao valor semântico, a autora afirma que algumas preposições têm valor semântico e outras não, e essa distinção, muitas vezes, está relacionada ao lugar na estrutura frasal onde elas foram inseridas e não no seu conteúdo intrínseco (BERG, 1998, p. 114).

Para exemplificar, a autora apresenta alguns exemplos com a preposição *a*. Vejamos: “Voltei *a* Ouro Preto”, “Deu *ao* Pedro” e “Doação *ao* Pedro”. No primeiro exemplo, Berg (1998) aponta que não é a preposição que determina a ideia de movimento, mas sim o verbo “voltar”, afinal, se colocarmos outro verbo, a ideia de movimento desaparece. Outro teste aplicado mostrou que as preposições não podem ocupar, nas frases exemplificadas acima, o final da sentença, pois, se assim fosse, elas seriam agramaticais. Dessa forma, Berg (1998) conclui que as preposições não carregam sozinhas uma significação, no entanto, elas contribuem para a interpretação do complemento.

Em contrapartida, Neves (2000) afirma que algumas palavras atuam na junção dos elementos do discurso e, portanto, pertencem ao campo da semântica. Para a autora, é o caso das preposições, e esses elementos, por sua vez, podem ser determinados dentro da estrutura da oração ou nas subestruturas, como as preposições. A autora reitera, ainda, que o uso da preposição representa a junção referente às relações dos satélites adverbiais e seus núcleos (NEVES, 2000, p. 601). Essas relações também acontecem com o uso de determinadas conjunções, mas, aqui, o foco é referente à análise das preposições.

Em seu estudo sobre as preposições, Neves (2000) divide-as em dois grupos: a) preposições introdutoras de argumentos: *a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob e sobre*; b) preposições não introdutoras de argumentos: *ante, após, desde, perante e sem*. Neste artigo, estudaremos a semântica e as relações sintáticas das seguintes preposições pertencentes ao grupo A, são elas: *de, em, a e para*.

A preposição *de* funciona no sistema de transitividade, ou seja, introduz complemento verbal, complemento de adjetivo, substantivo e advérbio. Além disso, de acordo com Neves (2000), a preposição *de* funciona também fora do sistema de transitividade, estabelecendo, assim, relações semânticas. Essas relações dividem-se em diferentes grupos e apresentam diversos sentidos.

Quando se associa ao sintagma verbal, indica especificação e circunstanciação. Já no sintagma nominal, estabelece relação de posse, pertença, matéria, oposição semântica relativa, localização espacial ou temporal, especificação, classificação, qualificação, extração de um conjunto, extração de uma qualidade e denominação (NEVES, 2000, p. 665). A preposição *de* também tem a função de introduzir sintagma em função predicativa, tanto para predicativo do sujeito quanto para objeto. Ademais, integra construções indicativas de circunstâncias, entra na construção de perífrases + infinitivo, constrói-se com o verbo *ser* + adjetivo disfórico + *de* + infinitivo, como ocorre, por exemplo, em “Vê se eu sou besta *de* sustentar homem” (NEVES, 2000, p. 668). Quando seguida de alguns infinitivos, a preposição *de* compõe expressão intensificadora de adjetivos, além disso, pode introduzir uma especificação locutiva de um advérbio pronominal circunstancial e, por fim, a preposição *de* entra em expressões fixas, tais como “dar *de* ombros” e “cair *de* cama.” (NEVES, 2000, p. 669).

A preposição *em* também apresenta algumas relações semânticas; pode acontecer no sintagma verbal e nominal, e, neste último, estabelece relação de lugar, modo, matéria e especificação. Introduz o predicativo do sujeito ou objeto, integra construções indicativas de circunstâncias do tipo *de em* + nome + preposição (locução prepositiva) expressando relação de lugar e substituição. Além disso, inicia oração de valor adverbial (temporal, condicional, causal) e entra em expressões fixas, como, por exemplo, “dar *em* nada”. (NEVES, 2000, p. 681).

Já a preposição *a*, fora do sistema de transitividade, estabelece também relações semânticas no sintagma verbal, expressando relação de circunstanciação, tempo, lugar (com sintagma nominal), de proximidade, exposição, instrumento, modo, causa, conformidade, assunto, restrição, preço, fim, termo de movimento e condição de limite superior (com sintagma iniciado por *de*), como, por exemplo, “varia *de* 10 a 50%” (NEVES, 2000, p. 621).

Pode também introduzir sintagma em função predicativa, entrar nas construções indicativas de circunstância, em construções de perífrases verbais (+ infinitivo), para expressar mudança de estado, início de ação ou processo, consecução, continuidade e repetição de ação. A preposição *a* entra em construções de modalização de obrigação (deôntica) como acontece em “Cabe *a* você cumprir esse dever”. Quando se junta ao infinitivo equivale a um gerúndio “a desafiar” e, por fim, entra em expressões fixas: “ter *a* mão” (NEVES, 2000, p. 624).

Por sua vez, a preposição *para*, no sintagma nominal, indica relação de finalidade e necessidade. Pode integrar construções indicativas de circunstância: preposição + sintagma nominal + *para*, entra na construção de perífrases do tipo temporal e modal de obrigação, introduz uma especificação locativa espacial ou temporal de um advérbio pronominal, entra na construção que completa o verbo ser na expressão da capacidade do sujeito, como ocorre em “precisa ser bom *para* fazer aquilo” e, assim como as outras preposições estudadas, entra em expressões fixas: “*para* o que der e vier” (NEVES, 2000, p. 701).

Como vimos, não existe uma conclusão quanto à classificação das preposições, se funcional ou lexical. No entanto, por meio dos exemplos apresentados por Neves (2000), percebemos que, fora da transitividade e junto a outros complementos, uma mesma preposição pode expressar diferentes concepções semânticas. Na seção seguinte, apresentaremos como algumas gramáticas abordam e apresentam as preposições.

3 TRATAMENTO DA PREPOSIÇÃO EM DIFERENTES GRAMÁTICAS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Com o intuito de estudarmos as preposições, faz-se necessário conhecermos as concepções de diferentes gramáticas, uma vez que a normativa trabalha as preposições de uma maneira mais ampla. Para tal, trabalharemos com as definições de Ferreira (2014), Bechara (2009) e Cegalla (2005), buscando identificar as semelhanças e as diferenças.

Ferreira (2014) define preposição como “palavra invariável que liga duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e/ou de dependência” (FERREIRA, 2014, p. 415). Dessa forma, para o autor, a preposição estabelece um vínculo entre duas palavras, de tal maneira que uma delas será a palavra principal e a outra secundária. Vejamos o seguinte exemplo: “*mudar para uma praia*”, nesse caso “*mudar*” é a palavra principal, “*praia*” secundária e a preposição “*para*” exprime uma relação de lugar (FERREIRA, 2014, p. 415). Assim, forma-se a estrutura que o autor chama de ordenação normal: [palavra principal] + preposição + [palavra secundária], no entanto essa estrutura pode ser modificada de acordo com a frase. Analisemos: “*viveria em um lugar assim*” -> “*e que, em um lugar assim viveria*”, desse modo “lugar” é a palavra secundária e “viveria” a palavra principal. (FERREIRA, 2014, p. 416).

Ainda de acordo com o autor, as preposições e as locuções prepositivas, quando estudadas de forma isolada, são vazias de sentido; não têm significado algum (FERREIRA, 2014, p. 417), porém, nos enunciados, elas são fundamentais para expressar uma ampla variedade de relações semânticas. A partir dessa concepção, Ferreira (2014) apresenta exemplos das relações de sentido

que as preposições mais usuais estabelecem. Aqui, estudaremos as relações das preposições *de*, *em*, *a* e *para*.

De acordo com Ferreira (2014), a preposição *de* apresenta cinco possíveis sentidos, podendo indicar *assunto*, como é possível ver no seguinte exemplo: “em nossas conversas, ele sempre falava *da* família”; *causa*: “as crianças pulavam e gritavam *de* felicidade”; *especificação*: “roupas *de* passeio é o que ela mais tem”; *lugar*: “nosso amigo chegará no ônibus que vem *de* Belo Horizonte” e *posse* “íamos às pescarias no velho carro *de* meu pai” (FERREIRA, 2014, p. 417).

Já a preposição *em*, apresenta, conforme aponta Ferreira (2014, p. 418), três relações de sentido, são elas: *lugar*: “por que muitas igrejas eram construídas *no* alto dos morros?”; *modo*: “todos ouviam *em* silêncio o que o velho dizia” e *tempo*: “segundo a previsão, a estrada será asfaltada *em* dez meses”.

A preposição *a*, por sua vez, exprime quatro relações de sentido: *distância* “a cachoeira fica *a* dois quilômetros da rodovia”; *lugar*: “muitos desabrigados tiveram que dormir *ao* relento”; *modo*: “ouviram-se algumas pessoas conversando *a* meia voz” e *tempo*: “a reunião será *às* dez horas ou *ao* meio dia?” (FERREIRA, 2014, p. 417).

Por fim, a preposição *para*, conforme aponta Ferreira (2014), indica três relações de sentido. Vejamos: *lugar*: “seu sonho era mudar-se *para* uma agitada metrópole”; *finalidade*: “o clube já está todo preparado *para* a grande festa” e *tempo*: “*para* a semana, a documentação do carro estará pronta”.

Bechara (2009), por sua vez, apresenta a seguinte concepção:

chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. (BECHARA, 2009, p. 249)

Para o autor, a preposição não desempenha nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz. Nesse sentido, na função gramatical, pode ser complemento relativo ou transpositor. O primeiro refere-se à preposição que une a forma verbal ao seu complemento e o segundo compreende a preposição que possibilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical distinto daquele que normalmente exerce. Vejamos dois exemplos elaborados pelo autor, “Aldenora gosta de Belo Horizonte” e “homem de coragem”: no primeiro caso, a preposição *de* liga a forma verbal *gosta* ao complemento Belo Horizonte, sendo, dessa forma, um complemento relativo. Já no segundo exemplo, *de* permite que o substantivo “coragem” exerça o papel de adjunto adnominal, uma vez que, segundo Bechara (2009), o

substantivo, normalmente, não tem a função de modificar outro substantivo, assim, a preposição atua como transpositor.

Bechara (2009), em seu estudo das preposições, estabelece uma relação de significado. Para o autor, tudo na língua é semântico, tem um significado que varia conforme o papel do léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações (BECHARA, 2009, p. 250). Desse modo, ainda de acordo com o autor, no que se refere às preposições e significados, devemos considerar que há um significado unitário de língua que se desdobra em sentidos contextuais de acordo com a situação.

Do ponto de vista semântico, segundo Bechara (2009), as preposições se dividem em dois grupos: o primeiro se caracteriza pelo traço *dinamicidade* que pode ser física ou figurada, já o segundo é quando os traços de noções *estéticas* e *dinâmicas* são indiferentemente marcados em referência de espaço e tempo. As preposições que pertencem ao campo do traço de *dinamicidade* são as seguintes: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por* e *de*, elas se dividem em dois grupos, as que possuem movimento de aproximação ao ponto de chegada: *a*, *contra*, *até* e *para* e as que fazem movimento de afastamento: *de* e *desde*. Já em relação ao segundo traço, pertencem estas preposições: *ante*, *trás*, *sob* e *sobre*, que indicam uma situação definida e completa, enquanto as preposições *com*, *sem*, *em* e *entre* referem-se a uma situação mais imprecisa (Bechara, 2009, p. 251). O autor aponta ainda que existem outras subdivisões dentro dessas que já foram feitas, mas, neste artigo, nos interessam apenas as que foram aqui citadas.

Assim como Ferreira (2014), Bechara (2009) apresenta um estudo acerca do emprego das preposições. Mostraremos aqui, desse modo, o uso das preposições que foram escolhidas para o nosso estudo: *de*, *em*, *a* e *para*.

A preposição *de* pode indicar diversas atribuições, conforme aponta Bechara (2009): introduzir complemento de verbos e nomes, indicar a circunstância de lugar (origem, ponto de partida), pessoa, coisa e o agente da passiva, indicar a que se refere o nome precedido da preposição, matéria de que uma coisa é feita, razão ou causa de que uma coisa é feita ou sucede, assunto ou objeto do que se trata, meio, instrumento ou modo, no sentido próprio ou figurado, comparação (ex: *do que*), posição, medida, finalidade, tempo e pode ligar dois substantivos para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa.

Já a preposição *em* denota lugar onde, situação no sentido próprio ou figurado, tempo, duração, prazo, modo, meio, a nova natureza ou forma que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz, ou divide, vejamos um exemplo para essa definição: “O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria”. Expressa ainda preço, avaliação, fim,

destinação, estado, qualidade, matéria, causa, motivo e lugar para onde se dirige um movimento e sucessão, ex: “saltar *em* terra” e “de grão *em* grão”.

Por sua vez, a preposição *a* pode introduzir complementos verbais (objetos indiretos) e nominais que são representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos e objetos diretos, prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará, nesse caso, os verbos normalmente indicam causa, início, duração, continuação ou termo de movimento e extensão da ideia, vejamos alguns exemplos desses verbos: abalançar-se, acostumar-se, aprender, atrever-se, entre outros. Além desses empregos, a preposição *a* prende infinitivos a certos a verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo, designando condição, hipótese, concessão e exceção. Introduz ainda diversas circunstâncias, tais como termo de movimento, tempo em que uma coisa sucede, fim ou destino, meio, instrumento, lugar, aproximação, semelhança, conformidade, distribuição proporcional, preço, posse e forma diversas locuções adverbiais.

Por fim, a preposição *para* expressa seis sentidos: a pessoa a que se atribui uma opinião, fim, destinação; termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino; tempo a que se destina um objeto ou ação e a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal).

Já na concepção de Cegalla (2016), a preposição liga um termo dependente a um termo principal estabelecendo entre ambas as relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc. Para o autor, as preposições também são conectivos subordinativos, antepõem-se a termos dependentes e a orações subordinadas, além de estabelecerem relações entre os termos.

Cegalla (2016) não apresenta um estudo amplo acerca dessas relações de sentido, no entanto, afirma que algumas preposições apresentam uma vaga noção de tempo e lugar. Quanto às preposições que aqui estão sendo estudadas, apresenta os seguintes exemplos: “morreu *de* fome” indicando causa, “viajei *de* avião” designando meio, “vi o carro *de* Mário” mostrando posse, pertença e propriedade, “descendia *de* família ilustre” para indicar origem, “formou-se *em* medicina” referindo-se a especialidade, “olhe *para* frente” indicando direção e “trabalha *para* viver” assinalando fim ou finalidade.

Na concepção dos três autores, notamos que há semelhanças na abordagem das preposições, embora Bechara (2009) apresente um estudo mais aprofundado, Ferreira (2014) e Cegalla (2016) também apontam que as preposições, quando estudadas na relação com outros elementos, podem expressar uma grande variação de efeitos de sentido. Para apresentar essa ideia de maneira didática, na próxima seção, mostraremos exemplos de efeitos de sentido provocados pelo uso da preposição no gênero textual tirinha e piada. Além disso, apresentaremos os resultados de um questionário que

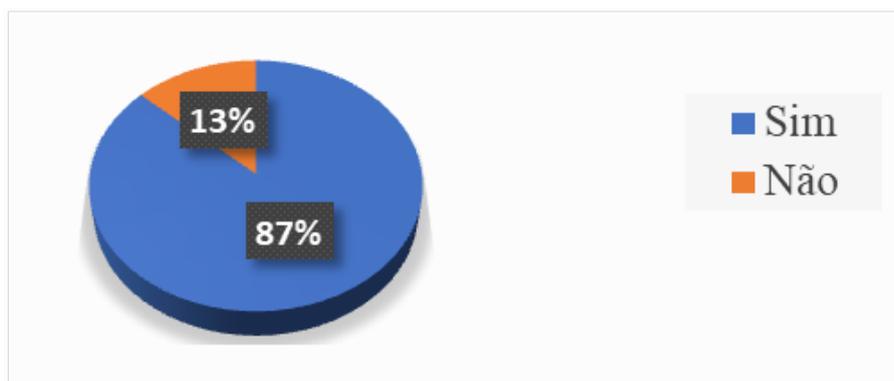
foi aplicado com a finalidade de ver até que ponto as pessoas percebem a diferença semântica no uso de determinadas preposições.

4 EFEITOS DE SENTIDO DAS PREPOSIÇÕES EM TIRINHAS E PIADAS

Com propósito de analisarmos as relações semânticas e sintáticas que as preposições “*de, em, a e para*” estabelecem nos enunciados, escolhemos o gênero textual tirinha e piada. O intuito foi perceber como o uso da preposição contribui para causar o efeito de humor. Assim, aplicamos um questionário por meio de uma plataforma digital, na qual constavam quatro tirinhas e uma piada, com as seguintes perguntas para cada uma delas: a) *o que causa o efeito de humor?* e b) *por que ocorre esse equívoco?* O objetivo foi entender como e até que ponto as pessoas percebem essas diferenças semânticas e sintáticas no uso das preposições na piada e tirinhas selecionadas.

O questionário teve um total de cinquenta inscritos, com faixa etária variando entre 8 e 84 anos. Foram identificadas 250 respostas, o que mostra que cada participante realizou todas as questões referentes às tirinhas e à piada presentes no questionário. Essas respostas foram organizadas e analisadas em categorias à luz das teorias que foram aqui estudadas. Dessa forma, a primeira pergunta que norteou a análise foi se as pessoas compreenderam o efeito de humor. Vejamos, no gráfico abaixo, a porcentagem referente a essa análise, considerando todas as quatro tirinhas e a piada.

Gráfico 1 – Compreensão do efeito de humor



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

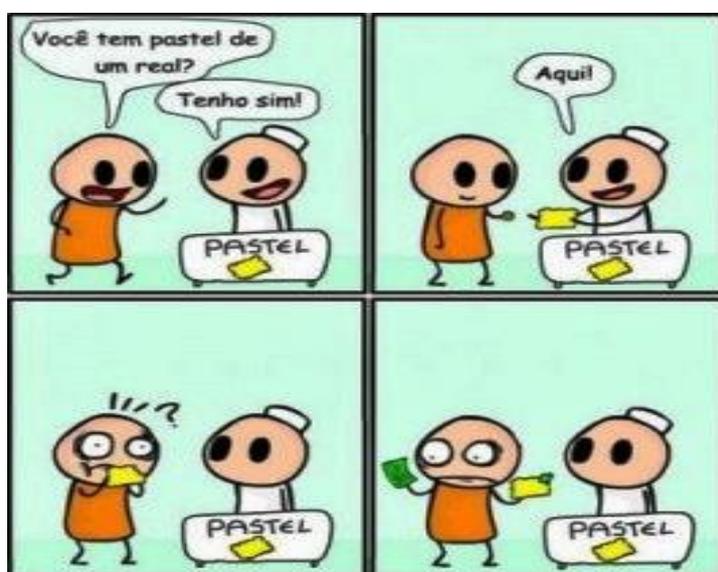
Esses dados são importantes porque nos mostram que as pessoas, de um modo geral, compreenderam o efeito de humor nos cinco enunciados, ou seja, 87% dos indivíduos perceberam o efeito das relações semânticas causadas pelo uso das preposições. À vista disso, as informações concebidas na pesquisa estão de acordo com os autores aqui estudados, uma vez que todos eles

apontam que as preposições são fundamentais para indicar diferentes relações de sentido, um exemplo disso são as tirinhas do questionário, se não fosse o uso da preposição, o objetivo de causar o humor seria perdido.

Com a proposta de entendermos se os 87% dos indivíduos que compreenderam o efeito de humor também conseguem perceber que ele é causado pelo uso da preposição, a segunda pergunta que orientou a nossa análise foi “Percebeu que o equívoco foi causado pela preposição?”

A partir de então, apresentaremos as análises referentes a cada tirinha e piada, de forma a destacar a porcentagem, que evidencia a percepção (ou a falta dela) de que o equívoco foi causado pelo uso de determinada preposição. Vejamos, abaixo, a tirinha 1.

Figura 1 - Tirinha

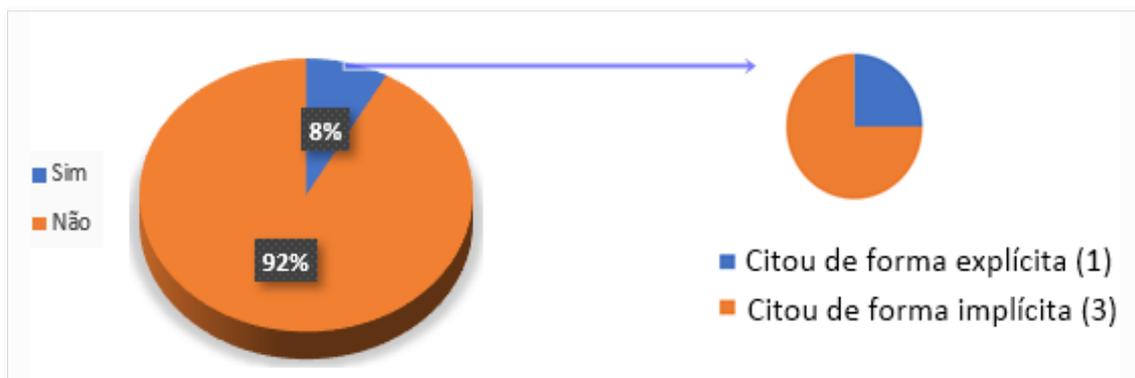


Fonte: <<https://descomplica.com.br/blog/portugues/>> Acesso em: 03/04/2020.

Nessa tirinha, o efeito de humor ocorre devido ao equívoco por parte do vendedor ao compreender a fala do cliente. Esse erro é decorrente do fenômeno da ambiguidade, o qual, na tirinha acima, ocorre por conta da preposição *de*, “pastel de...”. Assim, a ideia semântica da preposição é indicar o material com o qual é feito o recheio do pastel, como em “pastel de queijo” ou “pastel de frango”. Logo, ao receber o pastel com o recheio de uma nota de um real, distancia-se do campo semântico de sabor. Dessa forma, deduzimos que o vendedor compreendeu o pedido do cliente de forma ambígua.

Embora tenhamos notado, conforme o *Gráfico 1*, que os indivíduos, em sua maioria, compreenderam o efeito de humor, ao analisarmos as respostas, notamos que eles não entenderam o que causou o equívoco. Vejamos, no gráfico abaixo, os dados referentes à tirinha 1.

Gráfico 2 – Percentual dos indivíduos que perceberam que o equívoco foi causado pelo uso da preposição na Tirinha 1



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

Como apresentado no gráfico acima, somente 8% dos indivíduos perceberam a relação da preposição com o equívoco. Ainda assim, dentro desse grupo de dados, temos a diferença dos indivíduos que citaram de forma explícita na resposta a palavra *Preposição*, entendendo que a escolha de tal termo é fundamental para estabelecer a relação de sentido, e aqueles que, de modo indireto, citaram uma das preposições que poderiam evitar o equívoco causado.

Diante de tais dados, temos que 92% dos indivíduos não compreenderam que o equívoco é decorrente do uso da preposição. Vejamos, assim, alguns exemplos de respostas para a pergunta: *Por que ocorre esse equívoco?*

1. “O equívoco ocorre por uma não correspondência no esperado entre o comprador e o vendedor, no sentido do valor "um real". (O comprador esperava pagar um real, mas recebeu um pastel com o recheio da nota)”
2. “Equívoco: recheio ser de dinheiro.”
3. “O humor e o motivo do equívoco se dão pelo fato de o vendedor ter levado "ao pé da letra" o pedido do cliente.”

Analisemos agora algumas respostas de indivíduos que perceberam que o engano foi causado pela preposição, embora não tenham relacionado o equívoco a essa classe gramatical. Vejamos alguns exemplos:

4. “O comprador comer pastel de dinheiro. Os nomes são similares. Colocação sem precisão da palavra DE”
5. “O equívoco ocorre pelo uso do DE na frase "você tem pastel DE um real?".

Apenas um indivíduo citou de forma explícita que o equívoco é causado pelo duplo sentido da preposição *de* no enunciado. Observemos abaixo a resposta:

6. “A confusão entre sabor e valor do pastel. Porque a preposição usada para indicar qualidade “de” não especifica qual qualidade.”

Analisemos a próxima tirinha relacionada também com a preposição *de*.

Figura 2 - Tirinha

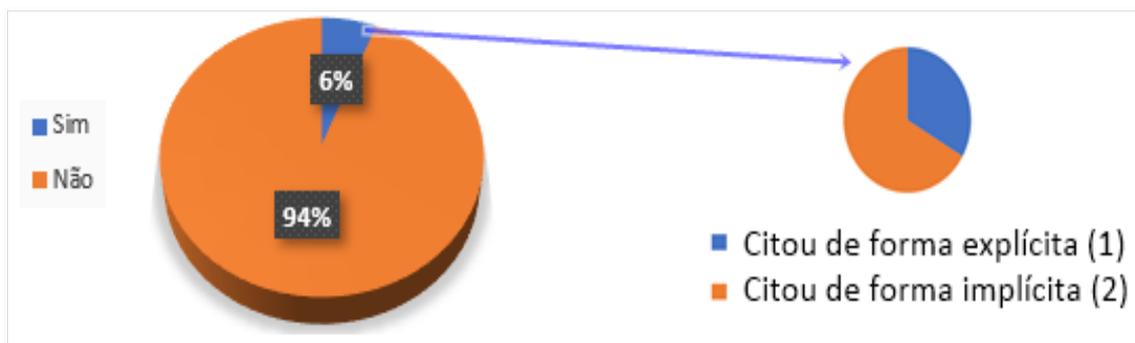


Fonte: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>> Acesso em: 03/04/2020.

O efeito de humor ocorre devido ao fato de o filho não compreender a pergunta do pai. O equívoco decorrente na tirinha é produzido pela preposição *de* "... de saquinho". No primeiro quadrinho, a ideia semântica da preposição, conforme percebemos nas concepções de Bechara (2009, p. 263), é indicar o objeto de que se trata, nesse caso, indicar o sabor do suco. Na pergunta do pai, terceiro quadrinho, a preposição está indicando a matéria de que uma coisa é feita, assim, o pai quer saber a natureza do suco, como, por exemplo, "suco natural" extrato da fruta, ou "suco de saquinho" artificial. Logo, ao receber a pergunta do pai, o garoto não entende essas duas atribuições que a preposição *de* pode indicar e, ao dar a sua resposta, percebemos que ele se distancia do campo semântico da pergunta do pai.

Igualmente à tirinha anterior, os indivíduos, em sua maioria, não perceberam que o equívoco foi causado pelos diferentes sentidos atribuídos à preposição *de*. Vejamos os dados:

Gráfico 3 – Percentual dos indivíduos que perceberam que o equívoco foi causado pelo uso da preposição na Tirinha 2.



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

Como vemos, 94% das respostas que obtivemos não estavam relacionadas ao uso da preposição na tirinha, os indivíduos indicaram que a confusão que Armandinho faz está relacionada a outros fatores. Averiguemos algumas respostas:

7. “Às vezes os adultos falam diretamente e esquecem que as crianças são observadoras e detalhistas.”
8. “Equívoco ocorre pela subjetividade de pensamento e interpretações.”
9. “Porque a criança não sabe qual é a diferença entre um suco natural e um suco de saquinho.”

Ainda que a maioria não tenha percebido a importância do uso da preposição, 6% das respostas citaram-na. Desse grupo, dois indivíduos apontaram de forma implícita e apenas um de modo explícito. Vejamos as respostas, respectivamente.

10. “O equívoco é causado pelo uso do DE no terceiro quadrinho.”
11. “A forma com que o pai formula a pergunta que dá a entender "sabor de saquinho".
12. “Ambiguidade gerada pelo emprego da preposição “de”.

Na resposta 11, embora não haja uma referência indicando a preposição *de*, ao colocar que a pergunta do pai indica “sabor de saquinho”, podemos inferir que a pessoa entendeu que a preposição pode estabelecer mais de um sentido.

Consideremos a próxima tirinha.

Figura 3 - Tirinha

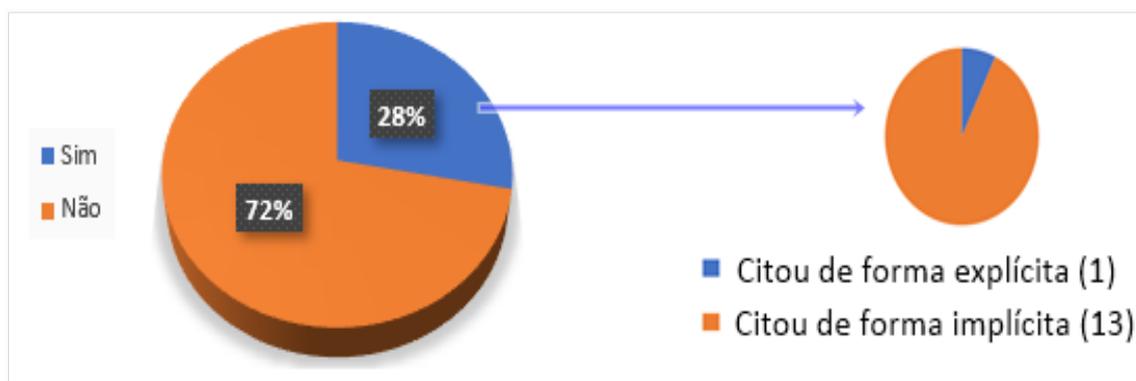


Fonte: Folha de São Paulo, 20/06/1991.

Aqui, a preposição *a* combina-se com o artigo *os*, formando uma só palavra: *aos*. O efeito de humor ocorre devido ao equívoco no uso da preposição *aos*. Quando é falado que o velho Ananias adora atirar milho *aos* pombos, a preposição, conforme os apontamentos de Bechara (2009, p. 258), introduz o complemento verbal, mas essa função não combina com a ação que é apresentada na imagem. Nesse caso, a substituição da preposição *aos* pela preposição *nos*, produziria maior coerência ao texto, ou melhor, à relação cena e discurso. Assim, eliminaríamos o humor da tirinha.

Para essa tirinha, ao responderem à pergunta “*Por que ocorre esse equívoco?*”, os indivíduos, de um modo geral, não citaram a preposição. No entanto, diante das respostas que já analisamos até aqui, de todas as tirinhas, essa foi a que teve uma porcentagem maior de compreensão do uso da preposição. Analisemos:

Gráfico 4 – Percentual dos indivíduos que perceberam que o equívoco foi causado pelo uso da preposição na Tirinha 3.



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

Conforme o gráfico, 28% dos indivíduos que responderam citaram a preposição como a responsável pelo equívoco, mesmo que de forma implícita. Essa porcentagem não é a ideal, mas ainda se destaca das outras que tiveram um número menor. Todavia, 72% dos indivíduos não perceberam que a semântica da preposição “aos” e a cena apresentada na imagem causaram o equívoco e apontaram outras respostas. Vejamos:

13. “Ocorre o equívoco porque quando vem com o milho pensamos que alimentaria os pombos”.
14. “O equívoco ocorre pois no primeiro quadro um narrador dá a entender que o senhor trazia milho para alimentar os pombos (atitude culturalmente atribuída a idosos em praças) no entanto não é o que acontece no último quadro”.
15. “A palavra atirar não condiz com o ato que ele estaria fazendo, no caso ele estaria alimentando os pombos.”.

Por essas respostas, notamos que o foco está na imagem do personagem Ananias atirando o milho, mas a imagem só tem esse efeito contrário ao que é esperado por conta do uso da preposição “aos”.

Agora, analisemos algumas respostas de indivíduos que perceberam que o engano foi causado pela preposição, embora não tenham citado explicitamente. Observemos abaixo algumas das respostas obtidas.

16. “O humor da tira é o velho atirar o milho NOS pássaros e não PARA os pássaros. O equívoco acontece na primeira tira, quando da a entender que o velho iria alimentos e não machucá-los”.
17. “O que causa o equívoco é o uso do PARA no primeiro quadrinho”.
18. “Sentido duplo da palavra. Aos e não nos pombos”.

Essa última resposta é interessante, mesmo sem saber nomear a preposição, ao responder “Aos e não nos pombos”, a pessoa acaba citando a preposição “nos” em sua resposta e, como vimos, a semântica dessa preposição é mais adequada à ação que está acontecendo.

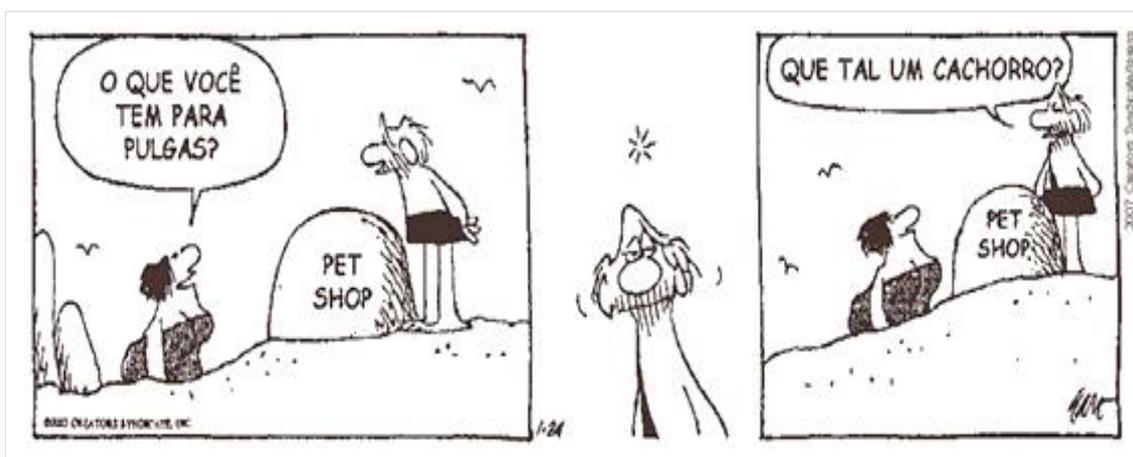
Novamente, apenas um indivíduo citou de forma explícita que o equívoco é causado pelo sentido da preposição *aos* no enunciado. Vejamos o exemplo:

19. “A confusão acontece, pois espera-se que o Velho Ananias dê o milho aos pombos. Pela ambiguidade das preposições “para os” e “aos”. Além disso, quando diz atirar espera-se que atire grãos e não a espiga inteira”.

Com essa resposta, percebemos que o indivíduo compreendeu que a semântica das preposições “aos” e “para”, de fato, não combinam com a ação feita por Ananias.

Observemos, agora, a seguinte tirinha com evidência à preposição *para*.

Figura 4 - Tirinha

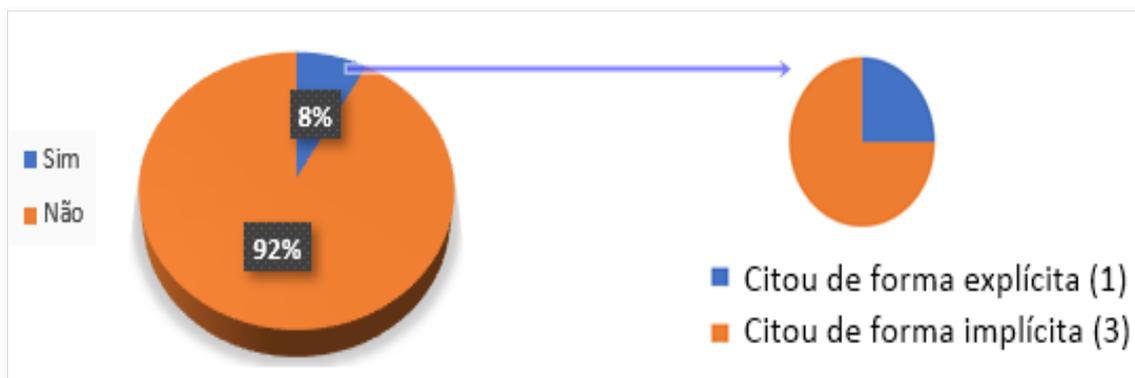


Fonte: John Hart A. C. Jornal da Tarde, 10 jun. 2003.

Nessa tirinha, o efeito de humor é decorrente do fenômeno da ambiguidade, causada pelo uso da preposição *para*, “...para pulgas”. Como já vimos anteriormente na seção destinada às gramáticas, a preposição “para” pode ter mais de um sentido, dependendo do contexto em que é empregada. Dessa forma, a ideia semântica da preposição é que a mulher queria um produto, a fim de exterminar pulgas, mas o homem entendeu que ela queria algo para oferecer a elas, logo, distancia-se do campo semântico que a preposição estabelece na indagação. Nesse caso, a preposição *contra* poderia ter sido usada para desfazer a ambiguidade.

Analisemos, no gráfico abaixo, o percentual dos indivíduos que compreenderam o duplo sentido da preposição “para”.

Gráfico 5 – Percentual dos indivíduos que perceberam que o equívoco foi causado pelo uso da preposição na Tirinha 4



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

Conforme os dados, 92% dos indivíduos não compreenderam que o equívoco é decorrente do uso da preposição. Vejamos, assim, alguns exemplos de respostas para a pergunta: *Por que ocorre esse equívoco?*

20. “A pessoa estaria procurando algo para acabar com pulgas e não um animal que poderia ter”.
21. “A atitude”
22. “A forma com que ela pergunta indiretamente ela queria algo pra matar pulgas”.

Ainda de acordo com o gráfico 5, somente 8% dos indivíduos perceberam a relação da preposição com o equívoco. E, mesmo nesse grupo, apenas uma pessoa citou a preposição de forma explícita, as outras três indicaram indiretamente.

A seguir destacamos algumas respostas de indivíduos que perceberam que o engano foi causado pela preposição, apesar de não o terem relacionado explicitamente a essa classe gramatical. Vejamos alguns exemplos:

23. “O equívoco ocorre novamente pelo uso do PARA no primeiro quadrinho”.
24. “A pergunta mal formulada, o que você tem para acabar com as pulgas e não para pulgas”.
25. “A resposta do vendedor. A maneira da mulher perguntar. Ela deveria ter perguntando se tinha veneno contra pulgas.”

Podemos perceber que, na resposta 23, o indivíduo indica que o equívoco é decorrente da preposição *para*, encontrada no primeiro quadrinho, entretanto, não consegue dar nome a classe gramatical e indicar os sentidos diferentes que a preposição pode ter. Já na resposta 25, mesmo que indiretamente, a pessoa aponta uma outra preposição que poderia acabar com a ambiguidade.

Mais uma vez, apenas um indivíduo citou de forma explícita que o equívoco é causado pelo duplo sentido da preposição *para* no enunciado. Observemos a resposta:

26. “A confusão gerada na fala: um interlocutor deseja algo para acabar com as pulgas, já o outro entende que o que se está sendo pedido é algo que sirva para as pulgas. Existe ambiguidade acusada pelo emprego da preposição”.

Analisemos, por fim, um texto do gênero textual piada.

Figura 5 - Piada

"A mulher entra numa loja de roupas femininas,
chama o vendedor e pergunta:
- Senhor, posso experimentar este vestido na vitrine?
O vendedor responde:
- Será que a senhora não preferiria experimentar no provador?"

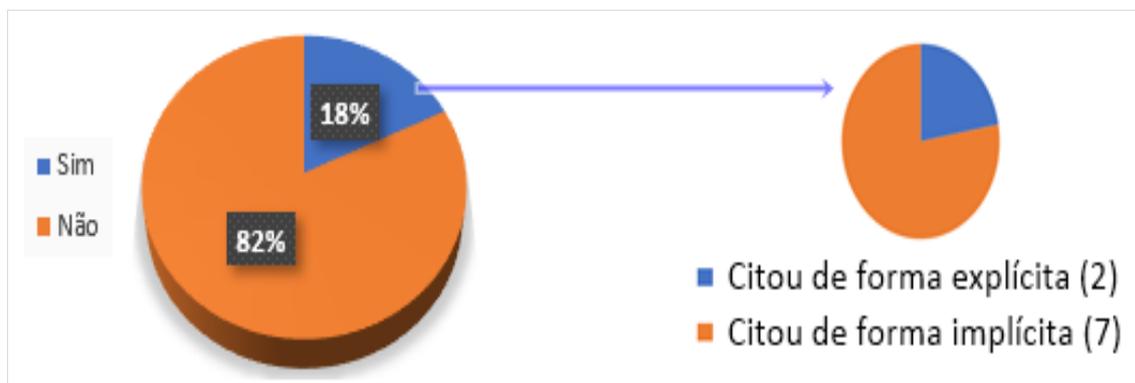
Fonte: *Introdução ao estudo do léxico - brincando com as palavras* - Rodolfo Ilari Editora Contexto, 2006 - p. 13.

Nessa piada, a preposição *em* se une ao artigo definido *a*, formando a palavra *na*. O efeito de humor ocorre devido ao equívoco do vendedor ao compreender a fala da cliente. Esse erro é decorrente do fenômeno da ambiguidade que, acontece, por conta da preposição *na* “... na vitrine”. Assim, a ideia (semântica) da preposição é indicar o local para experimentar a roupa, a senhora falou “na vitrine”, referindo-se ao vestido que se localiza NA vitrine, entretanto o vendedor entendeu que ela queria trocar de roupa na vitrine. Dessa forma, deduzimos que o vendedor compreendeu o pedido da cliente de forma ambígua. Para desfazer essa ambiguidade, a senhora poderia ter falado “vestido da vitrine”.

Nessa piada, é preciso levar em conta que estamos nos referindo a um texto de natureza oral que, de um modo geral, é um texto coloquial. Por isso, conforme mostramos no gráfico 1, os indivíduos, em sua maioria, perceberam o humor. No entanto, em “este vestido na vitrine” que

causa o mal entendido do vendedor, 82% não perceberam o uso da preposição. Analisemos o gráfico e, em seguida, algumas respostas.

Gráfico 6 – Percentual dos indivíduos que perceberam que o equívoco foi causado pelo uso da preposição na piada 5



Fonte: Extraído da pesquisa, 2020.

27. “O efeito de humor é causado porque o vendedor entende a frase e a leva a sério.”
28. “O equívoco acontece quando o vendedor entende a pergunta da cliente como se ela quisesse experimentar a roupa na própria vitrine”.
29. “A forma como a mulher perguntou pareceu que ela queria experimentar o vestido ali mesmo na vitrine”.

Por essas respostas, fica claro que as pessoas entenderam o humor, no entanto, não souberam associá-lo a preposição. Vejamos, por exemplo, a diferença nas respostas das pessoas que conseguiram perceber o uso da preposição e ainda citaram, mesmo sem saber que se trata de preposição, que o “da” poderia ter sido usado para evitar a ambiguidade.

30. “o equívoco acontece pelo uso do "na" ao invés do "da"”.
31. “Erro na mulher ao fazer a colocação da palavra na e da”.
32. “O humor ocorre pelo desentendimento do vendedor que achou que a mulher queria experimentar o vestido "na" vitrine mas ela queria experimentar o vestido "da" vitrine”.

Agora, vejamos as duas únicas respostas que citaram de modo explícito que o equívoco foi causado pela preposição:

33. “Confusão gerada no diálogo entre as personagens: enquanto uma está se referindo ao vestido específico que tira-se (sic) na vitrine o outro refere-se ao local onde seria realizada a prova do vestido. Ambiguidade gerada pelo emprego da preposição “na”.

34. “A preposição na no lugar da...”

Essas respostas são interessantes porque, além de indicarem a preposição “na”, indicam outra possível preposição para desfazer a ambiguidade.

Diante de toda análise, percebemos que apenas um indivíduo conseguiu compreender as relações semânticas e sintáticas das *preposições* utilizadas nos enunciados das tirinhas e piada em todo questionário. Notamos, também, que a maioria das pessoas que consegue perceber esse uso, não consegue vinculá-los a essa classe gramatical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo assinalou que, embora grande parte das pessoas compreenda o efeito de humor, não conseguem associá-lo à organização sintática e morfológica do enunciado das tirinhas e piada, muitas vezes privilegiando em suas repostas apenas a interpretação. Contudo, quando associada a outras classes de palavras, as preposições são produtoras de diversos sentidos. Portanto, fundamentais na construção de um texto e de uma interpretação crítica.

Com essa pesquisa, a partir dos dados concebidos, observamos que há uma lacuna no ensino da preposição, o que nos leva a pensar que, muitas vezes, essa categoria é apresentada nas aulas de Língua Portuguesa sem se considerar suas múltiplas relações semânticas. Assim, quando estudada de forma isolada, a tendência é que o aluno apenas decore as dezenove preposições essenciais, um exemplo disso, são os inúmeros vídeos escolares na plataforma digital *YouTube* ensinando as músicas das preposições, recurso esse muito utilizado para decorar e apenas acertar questões em provas. No entanto, o ideal é que o estudo gramatical seja associado ao texto, assim, teremos leitores mais atentos e críticos.

Esperamos que a pesquisa aqui desenvolvida possa trazer significativa contribuição para os professores de Língua Portuguesa. Admitimos que é importante refletir sobre o uso da classe gramatical ora apontada, com o objetivo de promover inovações no ensino do português, que, é muito pautado em práticas de classificação, definição e memorização, sem que haja uma análise crítica dos fenômenos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p, 249-267. 2009.
- BERG, M, B. A Natureza categorial da preposição. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-124. 1998.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. Ed. Companhia Nacional. 2016.
- FERREIRA. M. **Aprender e praticar gramática**. 4. ed. Editora. FTD. São Paulo. p, 415-418. 2014.
- NEVES, M. **Gramática de usos do português**. Ed. UNESP. São Paulo. 2000.